

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**ANDRESSA MENDES CAMARGO**

**DESIGUALDADE GERACIONAL: DISCUSSÕES SOBRE A  
POTENCIALIZAÇÃO DA (IN) VISIBILIDADE DA PESSOA IDOSA NA  
SOCIABILIDADE CAPITALISTA**

**SÃO BORJA- RS**

**2021**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

C561d Camargo, Andressa Mendes

Desigualdade Geracional: Discussões sobre a potencialização  
da (in) visibilidade da pessoa idosa na sociabilidade  
capitalista / Andressa Mendes Camargo.

38 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade  
Federal do Pampa, SERVIÇO SOCIAL, 2021.

"Orientação: Elisângela Maia Pessôa".

1. Desigualdade geracional. 2. Pessoa idosa. 3. Velhices.  
4. Sociabilidade capitalista. I. Título.

**ANDRESSA MENDES CAMARGO**

**DESIGUALDADE GERACIONAL: DISCUSSÕES SOBRE A  
POTENCIALIZAÇÃO DA (IN) VISIBILIDADE DA PESSOA IDOSA NA  
SOCIABILIDADE CAPITALISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Serviço  
Social da Universidade Federal do  
Pampa, como requisito parcial para  
obtenção do Título de Bacharel em  
Serviço Social.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Elisângela Maia  
Pessôa

**São Borja-RS**

**2021**

**ANDRESSA MENDES CAMARGO**

**DESIGUALDADE GERACIONAL: DISCUSSÕES SOBRE A  
POTENCIALIZAÇÃO DA (IN) VISIBILIDADE DA PESSOA IDOSA NA  
SOCIABILIDADE CAPITALISTA**

Trabalho de Conclusão de curso  
apresentado ao Curso de Serviço  
Social da Universidade Federal do  
Pampa, como requisito parcial  
para obtenção do Título de  
Bacharel em Serviço Social.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 05 de outubro de 2021.  
Banca examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Elisângela Maia Pessoa

Orientadora  
UNIPAMPA

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosilaine Coradini Guilherme

UNIPAMPA

---

Prof.<sup>o</sup> Dr. Jorge Alexandre da Silva

UNIPAMPA

Assinado eletronicamente por **ROSILAINE CORADINI GUILHERME, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 05/10/2021, às 15:58, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **JORGE ALEXANDRE DA SILVA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 05/10/2021, às 16:07, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ELISANGELA MAIA PESSOA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 13/10/2021, às 13:55, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0631694** e o código CRC **34DA9ED4**.

# **DESIGUALDADE GERACIONAL: DISCUSSÕES SOBRE A POTENCIALIZAÇÃO DA (IN) VISIBILIDADE DA PESSOA IDOSA NA SOCIABILIDADE CAPITALISTA**

Andressa Mendes Camargo<sup>1</sup>

**RESUMO:** Considerando, a problemática imposta mundialmente, quanto o aumento dos índices de envelhecimento e aumento da expectativa de vida, torna-se importante o estabelecimento de discussões quanto à categoria desigualdades geracionais. Para tanto, a compreensão quanto as velhices emerge como fundamental para o entendimento do lugar que as pessoas idosas ocupam em uma sociedade onde o poder produtivo domina as relações. Diante de tais reflexões, a pesquisa ora apresentada, objetivou analisar as desigualdades geracionais nas velhices, na sociabilidade capitalista, a fim de discutir se existe a potencialização da (in)visibilidade da pessoa idosa. Metodologicamente optou-se pela realização de pesquisa qualitativa, com recorte de pesquisa de tipo bibliográfica. Foram mapeados artigos publicados no portal Scielo, produzidos nos últimos dez anos, a partir de descritores que dialogaram com os objetivos da pesquisa. Realizou-se análise de conteúdo, a luz do método dialético crítico para leitura da realidade. Os artigos analisados indicam que as pessoas idosas tem seu cotidiano atravessado por determinantes subjacentes à sociabilidade capitalista, que incidem sobre o processo de envelhecimento do(a) trabalhador(a) e avançam para o universo das relações geracionais e familiares. Fica nítido, que o envelhecimento é visto como uma problemática para a ordem do capital. O papel de cuidador(a), geralmente dos(as) netos(as), é majoritariamente sinalizado nas obras analisadas. Conclui-se, que as relações geracionais podem ser contraditórias, embora construtoras de afetos e trocas entre as gerações, ao mesmo tempo, conflitam quanto à aceitação das diferenças e o cuidado mútuo entre as gerações. Por vezes se estabelece o binômio entre o visível e (in)visível no reconhecimento do lugar que a pessoa idosa tende a ocupar na sociabilidade capitalista, o mesmo idoso(a) que é excluído do mercado de trabalho, e conseqüentemente do convívio social, poderá ser aquele(a) que provem o sustento da família e pode ser visto pelo capital como possibilidade de fomento ao mercado.

Palavras-chave: desigualdade geracional; pessoa idosa; velhices; sociabilidade capitalista.

**RESUMEN:** Teniendo en cuenta los problemas que se imponen en todo el mundo, como el aumento de las tasas de envejecimiento y el incremento de la esperanza de vida, es importante establecer debates sobre la categoría de las desigualdades generacionales. Por lo tanto, la comprensión de la vejez surge como fundamental para entender el lugar que ocupan las personas mayores en una sociedad donde el poder productivo domina las relaciones. Ante estas reflexiones, la investigación que aquí se presenta tuvo como objetivo analizar las desigualdades generacionales en la vejez en la sociabilidad capitalista para discutir si existe la potencialización de la (in)visibilidad de los mayores. Metodológicamente, se optó por una investigación cualitativa, con un corte de investigación bibliográfica. Los artículos publicados en el portal Scielo, producidos en los últimos cinco años, fueron mapeados a partir de descriptores que dialogaban con los objetivos de la investigación. Realizó un análisis de contenido, a la luz del método dialético crítico para la lectura de la realidad. Los artículos analizados indican que los ancianos tienen su vida cotidiana atravesada por determinantes subjacentes a la sociabilidad capitalista que afectan al proceso de envejecimiento del

---

<sup>1</sup> Graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal do Pampa – Campus São Borja.

trabajador y avanzan al universo de las relaciones generacionales y familiares. Está claro que el envejecimiento se considera una problemática para el orden capitalista. El papel de cuidador, generalmente de los nietos, está mayormente señalado en las obras analizadas. Concluimos que las relaciones generacionales pueden ser contradictorias, si bien construyen afecto e intercambio entre generaciones, al mismo tiempo, entran en conflicto en cuanto a la aceptación de las diferencias y el cuidado mutuo entre generaciones. A veces, el binomio entre lo visible y lo (in)visible se establece en el reconocimiento del lugar que suele ocupar el anciano en la sociabilidad capitalista, el mismo anciano que está excluido del mercado de trabajo, y en consecuencia de la vida social, puede ser el que mantiene a la familia y puede ser visto por el capital como una posibilidad de promoción del mercado.

Palabras clave: desigualdad generacional; personas mayores; vejez; sociabilidad capitalista.

## INTRODUÇÃO

Abordar questões relacionadas às velhices<sup>2</sup>, requer compressão quanto aos determinantes subjacentes à sociedade capitalista que incidem sobre o processo de envelhecimento do(a) trabalhador(a), uma vez que, o homem e a mulher através do trabalho, estabelecem relações que, como afirma Marx (2017) independentemente de sua vontade, estas possuem determinações estabelecidas e intrínsecas próprias da sociedade.

Há que se elucidar que a relação social de produção é determinada pelo regime de propriedade, coletiva ou privada (NETO, BRAZ, 2012). No modo de produção capitalista o regime de propriedade é privado, estabelecendo-se a divisão entre os proprietários dos meios de produção, que compram a força de trabalho e os destituídos dos meios de produção, que possuem tão somente a sua força de trabalho para vender. Tal cenário, por consequência consubstancia a sociedade dividida por classes, sendo esta composta pelos proletários(as) e burgueses(as).

Com isso o sistema capitalista torna-se o estruturador da sociedade. Partindo da compreensão da sociedade dividida em classes sob o regime da propriedade privada, desencadeiam-se relações sociais a partir dessa divisão que resultam na sociabilidade sob a lógica do capital, afirma Lara (2011, p.81) que “A produção capitalista é produção e reprodução social. As relações sociais estabelecem-se sobre o antagonismo de classes e de sua principal estrutura, a “propriedade privada dos meios fundamentais de produção[...]”. Logo,

---

<sup>2</sup> Adota-se esse termo, considerando o processo múltiplo que reside no envelhecimento. Teixeira (2008, p.30) esclarece que “nessa perspectiva e considerando-se que o homem envelhece sob determinadas condições de vida, fruto do lugar que ocupa nas relações de produção e reprodução social, não se podem universalizar suas características no processo de construção das bases materiais da existência, porque os homens não vivem e não se reproduzem como iguais, antes, são distintos nas relações que estabelecem na produção da sua sociabilidade fundada pelo capital, em que desigualdades, pobreza, e exclusões sociais lhe são imanentes, reproduzidas e ampliadas no envelhecimento do trabalhador”.

são classes com interesses distintos, posicionando-se em contrariedade. Assim a sociabilidade capitalista é atravessada por

relações sociais destes dois sujeitos – que aqui simbolizam relações e interesses de diferentes classes sociais – defrontam-se reciprocamente como possuidores de mercadorias, comprador e vendedor da força de trabalho. Nessa relação reside marca particular da sociedade capitalista: relações sociais são convertidas em relações econômicas quando a força de trabalho é cedida pelo vendedor (o trabalhador) ao comprador (o capitalista) como mercadoria, por tempo determinado sem que o vendedor renuncie a sua propriedade (GRANEMANN, 2009, p. 7).

Com essas considerações fica compreendido que a relação social capitalista transforma-se em relação entre coisas – venda e a compra da força de trabalho – as relações sociais tornam-se relações entre mercadorias. Considera-se então que “o capital é a relação social determinante que dá a dinâmica e a inteligibilidade de todo o processo da vida social” (IAMAMOTO, 2006, p. 30). Fica entendido que o capital rege as relações sociais, logo a sociabilidade.

Assim, o sistema capitalista – e sua lógica de sociabilidade – consubstancia-se por meio da exploração de uma classe sobre a outra, por isso as relações que advém desse processo são desiguais. Ao trabalhador(a) é pago o valor da sua força-de-trabalho, porém durante sua jornada, não recebe o excedente de seu trabalho. Este valor é apropriado pelo capitalista, isto é, a produção é coletiva, mas a apropriação da riqueza produzida é individual (NETO, BRAZ, 2012).

Sendo este trabalho ancorado na perspectiva teórico-metodológica marxista, busca-se como propósito ir além da aparência do fenômeno, portanto a categoria desigualdades geracionais nas velhices emerge como fundamental para o entendimento do lugar que as pessoas idosas ocupam em uma sociedade onde o poder produtivo domina as relações. Por isso, através do exposto, trabalhou-se com o material obtido na pesquisa, com o entendimento de que a sociabilidade capitalista produz as desigualdades, assim afirma Chavesa e Arcoverdea (2021, p. 165),

Na trajetória da sociedade capitalista, as desigualdades assumem feições diversas de acordo com as determinações políticas e sociais produzidas a cada ciclo histórico e em cada particularidade contextual mas sempre estão presentes caracterizando esse modo de produção e reprodução social, configurando as diversas expressões da questão social, variando em intensidade, grau e escala em cada país.

Ou seja, a desigualdade é característica intrínseca do modo de produção capitalista, porém ao longo da história ela se corporifica de maneira diferente àquela inicial. Por isso, o envelhecimento do(a) trabalhador(a) não é homogêneo, levando em consideração a forma

desigual de condições de acessos aos direitos, educação, trabalho e entre outras necessidades básicas da vida do sujeito. Chavesa e Arcoverdea (2021, p. 166) reconhecem que “A fome, a miséria, o desemprego, a violência e as más condições de habitação, saúde, educação e inserção social são alguns dos aspectos que configuram a problemática das desigualdades [...]”.

A condição de classe é transversal para a discussão sobre a forma e qualidade do envelhecimento, pois a chamada “problemática do envelhecimento”, não se define da mesma maneira para todas as classes. Determina-se para uma classe exclusiva, à classe dos(as) trabalhadores(as), as subalternizações para manutenção e reprodução social do capital, por esse motivo o envelhecimento e as velhices podem se configurar em expressões da questão social (TEIXEIRA, 2008). Ainda a mesma autora é enfática ao afirmar que

A centralidade no envelhecimento do trabalhador advém do movimento real (...). É a classe trabalhadora a protagonista da tragédia no envelhecimento, considerando-se a impossibilidade de reprodução social e de uma vida cheia de sentido e valor na ordem do capital, principalmente, quando perde o “valor de uso” para o capital, em função da expropriação dos meios de produção e do tempo de vida (TEIXEIRA, 2008 p.30).

Como forma de corroborar, com a questão posta por Teixeira (2008), cabe entender aqui que a categoria profissional dos(as) assistentes sociais busca intervir junto às expressões da questão social<sup>3</sup>, logo questões como desemprego, fome, violência, pobreza e as mais diversas manifestações de desigualdade. Qualquer “abalo do capital”, interfere nas referidas expressões da questão social, o que torna-se o suficiente para questionar e garantir os direitos da pessoa idosa. Cabe à categoria profissional – Serviço Social – trabalhar com vistas a evitar o retrocesso e garantir a consolidação e acesso aos serviços e benefícios a essa população.

Duas questões tornam o debate sobre o envelhecimento visível: a longevidade e o expressivo aumento de pessoas idosas. Anterior às lutas e reivindicações travadas pela classe dos(as) trabalhadores(as), a questão do envelhecimento era restrita ao ambiente privado, tendo a família e as instituições assistenciais como reduto de responsabilidade. O aumento demográfico do número de idosos(as)<sup>4</sup>, aliado ao baixo número de fecundidade, começa a

---

<sup>3</sup> Conforme Yamamoto (2010, p. 156) “a *questão social* condensa o conjunto das desigualdades e lutas sociais, produzidas e reproduzidas no movimento contraditório das relações sociais, alcançando plenitude de suas expressões e matizes em tempo de capital fetiche. [...] Ela expressa, portanto, uma *arena de lutas políticas e culturais na disputa entre projetos societários*, informados por distintos interesses de classe na condução das políticas econômicas e sociais, que trazem o selo das particularidades históricas nacionais”.

<sup>4</sup> Segundo dados da Fiocruz (2020) “O número de brasileiros idosos de 60 anos e mais era de 2,6 milhões em 1950 (4,9% do total), passou para 29,9 milhões em 2020 (14% do total) e deve alcançar 72,4 milhões em 2100 (40% do total populacional). O número de brasileiros idosos de 80 anos e mais era de 153 mil em 1950 (0,3% do total), passou para 4,2 milhões em 2020 (2% do total) e deve alcançar 28,2 milhões em 2100 (15,6% do total

despertar a preocupação e atenção da classe burguesa, que aciona a responsabilidade estatal, e esta passa a criar políticas públicas de proteção social aos idosos(as) – a princípio para aqueles(as) com trabalho formal –, enquanto controle social. Com isso o envelhecimento é visto como uma problemática para a ordem do capital, pois, o(a) trabalhador(a), além de não possuir mais o valor-de-uso, transforma-se em gastos para a classe burguesa. Logo, não há interesse na qualidade do processo de envelhecimento, mas sim a preocupação com a oneração que um trabalhador(a) idoso(a) despender aos lucros do capital (BENEDITO, 2017).

A fragmentação que se estabelece a partir dessa relação de produção, em valorizar a acumulação de capital *versus* a não satisfação das necessidades humanas, privilegia determinados grupos sociais e vulnerabiliza outros. Assim, o envelhecimento do(a) trabalhador(a) “[...] constitui-se em problemática social na ordem do capital, em virtude da vulnerabilidade social em massa dos trabalhadores, em especial, ao perderem o valor de uso para o capital, pela idade” (TEIXEIRA, 2017, p. 67). Tais vulnerabilidades influenciam na sociabilidade capitalista, com rebatimentos imediatos na forma das pessoas idosas se relacionarem física e socialmente, perdendo a possibilidade de frequentar ambientes e desfrutar momentos de lazer, espaços políticos e artísticos.

As questões postas acima, auxiliam para a reflexão, quanto a possibilidade das pessoas idosas viverem constante processos de (in)visibilidade, o que contribui para perdurar a dualidade entre o invisível e visível. Ou seja, ao mesmo tempo, que pessoas idosas, não podem mais ter sua força de trabalho expropriada, não servindo mais ao capital, portanto invisíveis, excluídas das relações sociais de trabalho. Também, tornam-se visíveis, por meio de sua renda, aposentadoria ou afins, surge como potencial consumidor em um processo constante de mercantilização das velhices (TEIXEIRA, 2008).

As leituras realizadas na área do Serviço Social apontam que para compreender as relações sociais necessita-se compreender as relações de produção. Isso possibilita o desocultamento de questões como a individualização das velhices atrelada apenas a mais um ciclo da vida humana enquanto dimensão biológica e cronológica, ou ainda, por pressupostos que responsabilizam e culpabilizam a pessoa idosa por sua condição. Diante destes questionamentos surgiu a seguinte indagação de pesquisa: A desigualdade geracional potencializa a (in)visibilidade da pessoa idosa na sociabilidade capitalista?

---

populacional)” (ALVES, 2020, s.p.). Ainda, conforme o IBGE (2019, s.p.) “uma pessoa nascida no Brasil em 2019 tinha expectativa de viver, em média, até os 76,6 anos. Isso representa um aumento de três meses em relação a 2018 (76,3 anos). A expectativa de vida dos homens passou de 72,8 para 73,1 anos e a das mulheres foi de 79,9 para 80,1 anos”.

Nesta perspectiva, a pesquisa realizada possuiu como objetivo geral: “Analisar as desigualdades geracionais nas velhices, na sociedade capitalista, a fim de discutir se existe a potencialização da (in)visibilidade da pessoa idosa”. A partir dessa premissa desdobraram-se os seguintes objetivos específicos: 1. Discorrer sobre a socialização das pessoas idosas no modo de produção capitalista; 2. Verificar se o debate de questões geracionais, impõem fragmentação das discussões em torno dos sujeitos velhos(as), na dinâmica social capitalista e 3. Identificar como as desigualdades são estabelecidas, em torno das questões geracionais, vivenciadas pelas pessoas idosas na sociedade capitalista.

O método de leitura de realidade, utilizado para o artigo foi o método de exposição dialético-crítico. Segundo Gil (2008, p.8) o método consiste em “um caminho para chegar a determinado fim”. Portanto, através dele pode-se determinar como e qual percurso seguir para obter as respostas das perguntas sob as quais está estruturada a pesquisa e sobre quais procedimentos e ferramentas foram utilizados para dar legitimidade ao estudo. Assim, adotou-se para esta pesquisa o método que propiciou estudar a realidade a partir do entendimento de que ela está sempre em movimento, nunca estática, e partindo de bases materiais e condições objetivas de vida. Entendeu-se a realidade compreendendo o ser-social, as relações sociais de produção e as conexões entre as relações políticas, econômicas e culturais. Para melhor compreensão deste artigo em sua totalidade, torna-se essencial elencar as categorias do método de exposição utilizado durante o estudo.

A categoria totalidade nas palavras de Pontes (1999, p.39) “não é a soma das partes, mas um grande complexo constituído de complexos menores. Que dizer: não existe no ser social o elemento simples, tudo é complexidade”. Nessa concepção a totalidade significa, entender a articulação que possuía as “desigualdades geracionais e (in) visibilidade da pessoa idosa”, como parte de um conjunto de outras totalidades que não se esgotam em si mesmo, estão em permanente movimento e articuladas. Não se pode entender as relações sociais terminadas e esgotadas em si mesmas, ou seja, não são isoladas, estão para além do que se vê, e a categoria contradição está para afirmar isto:

As conexões íntimas que existem entre realidades diferentes criam unidades contraditórias. Em tais unidades, a contradição é essencial: não é um mero defeito do raciocínio. Num sentido amplo filosófico, que não se confunde com o sentido que a lógica confere ao termo, a contradição é reconhecida pela dialética como princípio básico pelo qual os seres existem. A dialética não se contrapõe à lógica, mas vai além da lógica, desbravando um espaço que a lógica não consegue ocupar (KONDER, 2004, p. 49).

Ela se configura no próprio entendimento da (in) visibilidade da pessoa idosa, no seu caráter dual. Ao passo que ela não possui mais utilidade - não produz mais-valia-, ela torna-

se, com a sua aposentadoria, a provedora da família, como veremos nas discussões a seguir. Por isso Konder (2004) assinala que a contradição vai além da lógica, existem fatores mais arraigados que contribuem para inclusão e exclusão de determinados grupos sociais dentro da sociedade, e isso, segundo o materialismo histórico, está calcado nas bases materiais de produção. A relação que se estabelece entre a cultura, qual sistema de produção está vigente na sociedade, a que classe social pertence o sujeito determina a historicidade

Em outras palavras, o presente não é imediatamente explicado pelo passado. Ao contrário, só o presente pode explicar o passado, o qual, através dessa explicação presente, só depois pode se mostrar como tendo sido o passado do presente que temos hoje. Mas o “só depois” indica que essa causalidade não pode ser estabelecida a priori, mas apenas a posteriori, nachträglich (OLIVEIRA, 2008, p. 51).

Neste artigo, compreender a historicidade no contexto das desigualdades geracionais e a (in)visibilidade da pessoa idosa está em entender o papel social do trabalhador velho(a) para que se possa entender as consequências na vida dos sujeitos e como ela é reproduzida dentro da sociabilidade capitalista, a exemplo de marginalização e exclusão de grupos sociais.

O movimento de entender que na aparência se esconde uma essência, mas que também na aparência encontra-se parte da essência possibilita entender que o objeto não está dado e terminado, é sempre necessário fazer o caminho de ida e volta por isso à **mediação** é a categoria que possibilita a articulação e perpassa por todas as outras mencionadas acima, sem essa categoria não haveria a possibilidade de compreender as outras. Ela possibilita fazer conexões que tornam as categorias anteriormente mencionadas, lógicas e verdadeiras. Neste estudo mais objetivamente, o contexto em que estão inseridas as pessoas idosas, suas condições de vida material, possibilidade de acesso a serviços, fatores que contribuem para a (in)visibilidade da pessoa idosa, as desigualdades geracionais e quais seus impactos.

[...] para nós podermos ir além das aparências e penetrar na essência dos fenômenos – precisamos realizar operações de síntese e de análise que esclareçam não só a dimensão imediata como também, e sobretudo, a dimensão mediata delas. A experiência nos ensina que em todos os objetos com os quais lidamos existe uma dimensão imediata (que nós percebemos imediatamente) e existe uma dimensão mediata (que a gente vai descobrindo, construindo ou reconstruindo aos poucos) (KONDER, 2004, p. 47).

O objeto de pesquisa utilizado para a produção deste artigo, não foi dado e acabado, ao longo da aproximação novas sínteses foram possíveis, e chegando ao resultado final também foram possíveis outras novas sínteses. O que aparece de imediato e articulado entre si, como desigualdade geracional e (in)visibilidade da pessoa idosa são questões que estão na

aparência, entretanto as leituras e aproximações sucessivas ao objetos, aproximações mediatizadas, possibilitaram a apreender relações que antes não estavam visíveis.

A intencionalidade da pesquisa foi analisar e explorar fenômenos de natureza qualitativa entendendo que esta, “[...] responde a questões muito particulares [...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos” (MINAYO, 1994, p. 21). Assim, a intencionalidade desta pesquisa está em analisar fenômenos de natureza qualitativa, que tivessem relação com costumes, hábitos que compõem as relações humanas, prioritariamente ao público a que se refere às pessoas idosas. Os números e estatísticas por si só, não davam conta de apresentar o significado e contribuição social desta pesquisa, eles pertencem à totalidade do que está aparente. Ainda, dentro do universo da pesquisa qualitativa, realizou-se um recorte de pesquisa de tipo bibliográfica, sendo que está

[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...] (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 183).

Com isso abre-se a possibilidade de acessar diversos materiais, ricos em sínteses que proporcionam pensar para além da pesquisa científica em si, mas também para aquilo que está sendo produzido e reproduzido, já que as fontes são bastante diversas. Nesse sentido, a busca pelas referências bibliográficas foi realizada na plataforma Scielo, a partir dos seguintes descritores: sociabilidade capitalista; desigualdades geracionais; relações geracionais; visibilidade da pessoa idosa; socialização da pessoa idosa e velhice; dinâmica social capitalista; e idadismo. Foram incluídas produções teóricas na forma de artigos que estivessem na língua portuguesa, alimentando-se de estudos com base nas áreas da Antropologia, Sociologia, Economia e Serviço Social.

Foram selecionados para coleta de dados 10 (dez) artigos acadêmicos, inicialmente estava previsto pesquisar trabalhos publicados nos últimos 5 anos, mas em vista do baixo número de artigos levantados abriu-se para o período dos últimos 10 (dez) anos. Descartaram-se 3 artigos, o primeiro por seu recorte geracional ser infantil, tratando do deslocamento dos netos para a casa dos seus avós(as), o que não se aplica aos objetivos deste trabalho, o segundo por tratar da relação entre gerações e família, isto é, o foco do artigo não era a pessoa idosa e o terceiro pois tratava-se de compreender os avós dentro da literatura infantil. Sendo assim restaram para análise sete artigos conforme tabela abaixo:

**Tabela 01 - Artigos selecionados para coleta de dados**

<b>Nome do artigo</b>	<b>Autor</b>	<b>Ano</b>
Art 1- Ser avó na família contemporânea: que jeito é esse?	Andreia Ribeiro Cardoso Leila Maria Torraca de Brito	2014
Art 2- O que há de novo em ser velho	Monica Rebouças Marina Ruiz de Matos Luiz Roberto Ramos Luiz Carlos de Oliveira Cecílio	2013
Art 3- Os idosos do nosso tempo e a impossibilidade da sabedoria no capitalismo atual	Marcos Ferreira de Paula	2016
Art 04- Envelhecimento da população e desigualdade	Eliana Cardoso; Thais Peres Dietrich; André Portela Souza;	2021
Art 5 - Dinâmica das relações familiares intergeracionais na ótica de idosos residentes no Município de Jequié (Bahia), Brasil	Doane Martins da Silva; Alba Benemérita Alves Vilela; Adriana Alves Nery; Ana Cristina Santos Duarte; Marta dos Reis Alves; Saulo Sacramento Meira;	2015
Art 6 - Laços intergeracionais no contexto contemporâneo	Carolina de Campos Borges Andrea Seixas Magalhães	2011
Art 7- Desafios do “Preconceito etário” no Brasil	Ana Maria Goldani	2010

Fonte: sistematizado pela autora (2021).

Para coleta de dados foi utilizado instrumento denominado roteiro norteador, sendo os dados sistematizados via quadro de coleta de dados. Para a análise definiu-se a análise de conteúdo, pois viabilizou tratar da temática através das lentes do referencial teórico aliado ao método marxista. A análise dos dados consistiu-se em 3 (três) fases: (1) pré-análise; (2) análise do material; (3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação, conforme a autora escolhida Bardin (1979).

Ainda, destaca-se que assim como um dos princípios fundamentais do Código de Ética do(a) Serviço Social (1993) versa sobre, “VIII. Opção por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação, exploração de classe, etnia e gênero” (CFESS, 2012, p. 24), o artigo em tela, busca estar alinhado com a

construção de uma sociabilidade mais humana e sem dominação, exploração e discriminação de nenhum grupo social.

O artigo foi estruturado da seguinte forma: introdução; seguido do primeiro tópico em que será discutido a idealização do envelhecimento e das velhices, fase denominada “melhor idade” e o mito da juventude, com a pretensão de dialogar com os objetivos específicos 1 e 2, sobre a socialização e fragmentação das discussões em torno dos sujeitos velhos(as) na sociedade capitalista. Já o tópico posterior dará conta de identificar as desigualdades geracionais junto as relações sociais da pessoa idosa. Por fim, apresentam-se as conclusões, que não encerram a discussão sobre envelhecimento e desigualdade geracional, mas abrem margens para outras aproximações necessárias quando se pensa em um cenário capitalista onde idosos(as) têm seus direitos sociais negligenciados conforme a necessidade do mercado.

## **1 – Do sonho ao mito da juventude: sociabilidade da pessoa idosa no cenário capitalista**

Para dar início a discussão, parte-se do pressuposto de que explorar a temática do envelhecimento e das velhices, implica em entender que as determinações da sociedade capitalista, tais como as relações de classe, raça e gênero, geração, cultura, exercem influência sobre os sujeitos, para não cair em análises meramente biológicas ou demográficas. Este estudo parte da concepção de que o envelhecimento envolve a relação biopsicossocial do ser humano e que existem determinações que implicam no modo de envelhecer, uma vez que:

O envelhecimento é atravessado por demarcadores geradores de diferenças e de desigualdades, dentre eles os de classe social, de gênero/sexo, de etnia/raça e de idade/geração, que são capazes de promover homogeneização e diferenciação, que denominamos de fatores socioeconômicos e culturais, fundamentais para o entendimento do fenômeno, juntamente com os aspectos biopsicossociais (TEIXEIRA, 2018, p. 127).

Ao buscar compreender se há relação entre a sociabilidade capitalista e as desigualdades geracionais nas publicações, três artigos possibilitaram encontrar, mesmo que não explicitamente, a relação que ambas categorias possuem. Na primeira publicação, Borges e Magalhães (2011), apresentam a relação do envelhecimento e a juventude como valor social. Assinala-se a juventude enquanto modelo para as pessoas idosas, enquanto construção social.

O artigo de Paula (2016), traça a relação entre sociabilidade capitalista e desigualdade geracional no seu mais preocupante e desumanizante desfecho, a morte social que pode levar à morte real, em que o(a) trabalhador(a) velho(a) deseja a morte à viver em péssimas condições de existência, onde “o suicídio é a antítese da sabedoria [...] vivendo num mundo

capitalista abarrotado de mercadorias, mas carente de sentido, e sob a sempre constante ameaça neoliberal do desemprego, da precarização e do fim da proteção social [...]” (PAULA, 2016, p. 277). Deste modo, o artigo esboça como ocorreu a transição do papel social das pessoas idosas nas antigas sociedades de “sabedoria” para tornar-se sinônimo de “inutilidade”.

Já, artigo de Goldani (2010), traz o preconceito etário como condição específica para a exclusão de determinados grupos da vida social, e do mesmo modo enfatiza a juventude como padrão de geração a ser seguida, fazendo as velhices parecerem a fase vergonhosa da vida do(a) trabalhador(a), desse modo “[...] a veneração da juventude pela maioria das sociedades ocidentais costuma fazer do envelhecimento um objeto de vergonha, ridículo, de desgosto” (GOLDANI, 2010, p. 413). Dessa forma fica entendido que o preconceito etário possui rebatimentos implícitos na vivência diária das pessoas consideradas velhas, consubstanciando-se em relações e tratamentos desiguais.

Os três artigos apontam para a juventude como valor social. A obra de apoio de Debert (1996) discute criticamente o termo “terceira idade” e a conotação que ela implica, no sentido de que torna-se a identidade de determinado grupo, transforma as velhices em algo satisfatório e em uma invenção social que a nega, individualiza-a e condicionando-as em escolhas próprias do sujeito, às aproximando a estilos de vida jovem, este último torna-se o contraponto das velhices, que quando não “tratada” passa a ser vistas como descuidado. O artigo de Borges e Magalhães (2011, p. 175) é bastante enfático quanto a isso:

A partir do momento em que ser jovem transformou-se em um slogan, a juventude tornou-se uma categoria social e economicamente importante. Assim, ela constituiu-se como um valor e passou a atrair milhares de pessoas para o mercado de consumo em busca dos seus atributos.

Se atentarmos aos motivos que levam ao ideal e estilo de vida jovial a ser seguido, estes apontam diretamente para o mercado de consumo de roupas, produtos anti-envelhecimento, procedimentos estéticos já que tornaram-se economicamente rentáveis e lucrativos, fazendo outros estilos de vida menos relevantes, culminando no sentimento de vergonha pelo envelhecimento que levou o sujeito a se encontrar em outra geração, ou seja, não esta mais “em cena”, assim:

[...] forças culturais impelem as pessoas de gerações diferentes a basearem seus ideais em modelos semelhantes, muitas vezes calcados nos atributos da juventude, na ideia de um “ser contemporâneo por excelência”, o que seria, de certa maneira, a negação daquilo que não é atual, do que pertence às “outras” gerações (BORGES, MAGALHÃES, 2011, p. 176).

O perigo do discurso da “terceira idade”, “melhor idade” ou “idade de ouro” está na construção do imaginário coletivo de que as velhices se constituem enquanto um momento de prazer e aproveitamento da vida se o sujeito adquirir “bons hábitos” em busca do envelhecimento ativo. Tal postura, mascara questões como a solidão e marcadores sociais, principalmente o de classe, perda da autonomia e doenças - consequência inclusive da exploração da mão-de-obra do(a) trabalhador(a) –, que podem contribuir para que a temática do envelhecimento e das velhices deixem de ser entendidas como questões históricas e culturais e tornam-se questões individuais.

O artigo de Paula (2016) traz as consequências que o discurso das velhices satisfatórias e a sua individualização geram para a vida daquelas pessoas idosas que não têm condições de acessar os benefícios e serviços de qualidade. A publicação suscita reflexão sobre desenvolvimento do capitalismo e o número de suicídios nos países com esse sistema de produção, indicando as pessoas idosas como vítimas centrais nesse debate, tratando-os como um sintoma da sociabilidade capitalista. É bastante preciso ao afirmar que

Sem descartar a importância de fatores como enfermidades físicas e transtornos psicológicos (como a depressão), sugerimos que as causas profundas e complexas do suicídio entre os idosos estão também ligadas a fatores sociais e, portanto, ao nosso modo de vida capitalista ( PAULA, 2016, p. 276).

A procura, sobre a possível (in)visibilidade da pessoa idosa – um dos focos desse estudo –, manifestou-se nas relações geracionais apresentadas no artigo de Paula (2016), quando este indica que o suicídio dos(as) idosos(as), é até duas vezes maior que o de outras faixas etárias. Ainda, indica, a forma como a desigualdade se corporifica na sociedade capitalista a ponto de determinados seguimentos desejarem se auto excluírem das relações de sociabilidade impostas pelo sistema produtivo. As pessoas idosas passam serem excluídas da vida em sociedade por suas limitações físicas, algumas, resultantes de anos de exploração do seu trabalho. O que por vezes, se configura no entendimento de que as velhices se tratam somente de questões relacionadas às enfermidades<sup>5</sup> e que se dão pela condição de ser velho(a), suprimindo questões econômicas e sociais, determinando essas que influenciam na qualidade do envelhecimento humano.

As velhices são resultado de um processo de envelhecimento heterogêneo, com isso, quanto mais precária a vida do(a) trabalhador(a) maiores serão as consequências negativas na sua velhice, por isso reafirma-se que o envelhecimento é um processo que é resultado da “[...]”

---

<sup>5</sup> Recentemente a Organização Mundial de Saúde (OMS) lançou o CID-11 (Classificação Internacional de Doenças), que entrará em vigor no ano de 2022. O documento no capítulo 21 classifica a velhice como doença. O Conselho Nacional de Saúde lançou a “RECOMENDAÇÃO Nº 020, DE 09 DE AGOSTO DE 2021” posicionando-se contrário a inserção do termo velhice na classificação.

vida individual e social, profundamente marcado pelas desigualdades sociais (de classes – e nos seus segmentos de classes –, de gênero, de raça, de etnia, regionais, dentre outras)” (TEIXEIRA, 2018, p. 130).

Com isso, confirma-se a leitura da realidade que se pretendeu fazer ao analisar os achados da pesquisa, uma vez que tal leitura compreende que o que se vê na atualidade é síntese do processo histórico que demarca o envelhecimento como processo heterogêneo – não percebido por todos –, que possui consequências, uma vez que as realidades e condições objetivas de cada sujeito são perpassadas por questões subjetivas e sociais, como acesso ao trabalho, condições de moradia, saneamento básico, produção de saúde, educação, entre outros fatores.

As leituras realizadas nos textos de apoio elucidam que “o trabalhador aposentado não consegue viver sem o trabalho que o massacrou a vida inteira, na medida em que sua vida dele depende” (HADDAD, 2017, p. 97), por isso, ao não ter mais utilidade como mão-de-obra para o capital, a pessoa idosa passa a ver-se também como não útil, e por isso, o artigo de Paula (2016, p. 276) é propício ao afirmar que “o problema do suicídio é mais material do que moral”.

Inclusive outro artigo da amostra, o de Goldani (2010) levanta importante questão para pensar: “Para que servem os idosos?” Esse título dialoga com o artigo de Paula (2016) que leva a conclusão preocupante, quanto à resposta para essa pergunta: nada! Essas situações nada mais são que reflexo do modo como a sociabilidade capitalista percebe a pessoa idosa. O texto afirma que “num sistema que valoriza o lucro acima de tudo, os empresários costumam optar por substituir funcionários mais velhos, mais experimentados e mais bem pagos por uma mão de obra mais barata e mais jovem” (GOLDANI, 2010, p. 414). É evidente a necessidade de atender aos lucros da empresa às necessidades humanas, assim as relações e sociabilidade passam a ser coisificadas em um jogo de descarte daqueles(as) que não servem mais ao capital reafirmando o valor social da juventude.

Buscou-se nesse cenário de pesquisa, entender, o papel atribuído à pessoa idosa dentro da sociabilidade capitalista. A partir da análise da amostra, ficou nítido que o papel de cuidador(a), geralmente dos(as) netos(as), é majoritariamente sinalizado. Foram destacados trechos de três publicações que tiveram mais destaque na referida discussão. No artigo de Cardoso e Brito (2014) é apresentada a discussão sobre os(as) avós(as) que cuidam dos(as) netos(as) enquanto os pais estão trabalhando, considerando os arranjos familiares vigentes. Percebe-se a visibilidade da pessoa idosa dentro do *lôcus* familiar enquanto aquela que

mantém a reprodução social da força de trabalho do capital, não mais pela venda da força de trabalho, porém por meio do cuidado. É importante ressaltar que

Na produção [...] o trabalho é mediado pelo valor (assalariamento) expresso na forma mercantil e atravessado por interesses de classe. Na reprodução, há rebatimentos diretos na divisão sexual do trabalho, na “invisibilidade” do trabalho feminino, e da própria função/ natureza das famílias. Estas passam a funcionar não mais como unidades de produção e reprodução, para serem unidades de consumo, desencadeando uma desvalorização da esfera reprodutiva (BERNARDO, 2017, p. 67).

Nesse cenário, a pessoa idosa pode também ser (in)visibilizada duplamente, quando se olha por outro ângulo, o dos padrões de sociabilidade capitalista. Uma porque é responsável pelo cuidado para com os mais novos, no caso netos(as), e este serviço não tem valor dentro da esfera da produção. E outra por não ter como vender sua força de trabalho, já que é considerado(a) ultrapassado(a), e por vezes custa mais gasto ao capital, como será elucidado nos achados a seguir. Ainda no caso da mulher idosa a situação pode se agravar, considerando a reprodução da ideia de que cabe ao gênero feminino o cuidado para com filhos(as) e posteriormente netos(as). Outra obra, a de Silva *et al.* (2015), expressa-se a existência de ínfimas discussões e publicações que problematizam a pessoa idosa como provedora, quanto aos cuidados para com os(as) netos(as).

A este respeito, Rosa salienta que raramente é citado na literatura o papel do idoso como cuidador ou provedor de cuidado familiar, fato visível nas famílias dos idosos estudados, no qual o idoso é muitas vezes o provedor do sustento de seus netos e o principal ou único responsável pelo cuidado dos netos, enquanto os genitores trabalham fora do espaço doméstico (SILVA *et al.*, 2015, p. 2189)

Porém, no cenário de envelhecimento heterogêneo, demonstra que a realidade acima apresentada, não se aplica a todas as pessoas idosas. Brito e Cardoso (2014), indicam que na realidade brasileira algumas(uns) avós(ôs) ainda estão no mercado de trabalho e não desempenham o papel de cuidador, vendo os(as) netos(as) somente nos finais de semana. Logo o papel de cuidador(a) de netos(as) não é a realidade para todas as pessoas idosas, conforme artigo acima analisado. Também, o que tem comumente acontecido, conforme o artigo, é a junção dos papéis de avós com o papel de mãe dos próprios netos(as), quando estas idosas, acabam tomando para si a responsabilidade pelo cuidado ou guarda dos(as) netos(as). Como resultado, o texto mostra o papel de cuidadoras, desempenhado pelas avós, sendo que desperta em algumas o sentimento de afetividade - em sua maioria -, onde nessa relação, destaca-se "o lugar social de cuidadoras situa as avós em papéis voltados para educação e socialização dos netos" (CARDOSO, BRITO, 2014, p. 439).

Em outro artigo da amostra, de Silva *et al.* (2015), frisa que no Brasil a família é o principal *locus* de cuidado para as pessoas idosas em consequência da precariedade das políticas sociais. Evidencia a via de mão dupla que se constitui o convívio com pessoas idosas, pois à medida que precisam de cuidados também desempenham o papel de cuidadores(as), como já apontado anteriormente. A pesquisa apresentada pelo referido artigo foi realizada com 32 pessoas idosas que residem em lares com mais de uma geração. Como resultado, a publicação indicou quatro situações presentes nesse convívio, resumidamente: a - relações intergeracionais harmônicas e conflituosas, b - os cuidados dos familiares para com os idosos, c - os cuidados destes para com os netos. As relações harmoniosas apresentam a transmissão de sabedoria. Nesse sentido percebe-se que a convivência intergeracional, é dinâmica, multifacetada e complexa, atravessada por relações de poder, conflitos e papéis socialmente atribuídos.

Boa parte das publicações, gerontológicas e geriátricas dizem respeito aos cuidados com a saúde da pessoa idosa, ou seja, com a parte biológica do sujeito, fragmentando-o da totalidade. Em obra de apoio, encontra-se a indicação de que “o velho [...] é tratado à semelhança de coisa, descaracterizado, fragmentado, visto independentemente das suas condições objetivas de existência” (HADDAD, 2016, p. 90).

Enquanto processo biológico do corpo humano, as velhices apresentam determinadas características que se diferem do corpo humano em outras etapas da vida, porém a forma como ela é considerada dentro da sociabilidade do capital altera as relações sociais da pessoa idosa, pois ao expropriar a força de trabalho retém-se o tempo de vida do sujeito e essas relações sociais se modificam para o indivíduo velho(a). O(a) trabalhador(a) velho(a) tendo sido alienado de sua própria força de trabalho em uma sociedade que maximiza o lucro e banaliza as necessidades humano-sociais, sente que perde o seu “valor de uso” para a reprodução do capital a tal ponto que nas palavras de Beauvoir (1990, p. 51)

Para cada indivíduo, a velhice acarreta uma degradação que ele teme. Ela contradiz o ideal viril ou feminino adotado pelos jovens e pelos adultos. A atitude espontânea é a de recusá-la, uma vez que se define pela impotência, pela feiúra, pela doença. A velhice dos outros inspira também uma repulsa imediata. Essa reação elementar subsiste mesmo quando os costumes a reprovam.

Os entraves e a degradação biológica sofrida por trabalhadores(as) velhos(as) faz com que no período das velhices, esses possam assumir posição, daqueles(as) que precisam de cuidados, que por vezes acaba sendo entendido como o papel de inutilidade, dependência e fragilidade. Assim, um dos artigos da amostra indica que a “capacidade funcional está relacionada à dificuldade do indivíduo em executar tarefas básicas ou mais complexas da vida

diária, o que leva à limitação ou restrição de seus papéis sociais e à necessidade de um cuidador para auxiliar no desempenho dessas tarefas<sup>23</sup> [...]” (SILVA *et al.*, 2015, p. 2188).

As velhices são encaradas como o último estágio da vida humana, podendo imprimir, no sujeito o rótulo de inutilidade para si mesmo. Para o capital o que se vê é apenas a pessoa-objeto incapaz de reproduzir e ampliar os lucros. Assim, o último artigo que traz significativa observação sobre o papel do idoso dentro da sociabilidade capitalista, assinala que se tem compreensão das realidades diferentes enfrentadas pelos(as) trabalhadores(as) velhos(as), aqueles(as) que têm condições de ter uma aposentadoria com qualidade e aqueles(as) que não a conseguem – porém particularmente o que se observa é que essa “compressão” não é notada por exemplo, ao se pensar políticas sociais de proteção a pessoa idosa. Pela contrário, imperasse a homogeneização das velhices –. O referido artigo articula o envelhecimento e a distribuição de renda no Brasil, sendo que, como primeiro tópico, discorre sobre o que é envelhecimento, as degradações físicas que levam ao sofrimento do(a) trabalhador(a) velho(a), tornando-os dependentes em maior ou menor grau. Ao que os autores chamaram de dimensão existencial.

A velhice tem também dimensão existencial, ao modificar a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, com o mundo. Como em qualquer idade, a sociedade estabelece o status do idoso, definindo em boa medida o comportamento do velho e o dos outros em relação a ele (CARDOSO, DIETRICH, SOUZA, 2021, p. 25).

Com todas as referências postas nessa discussão, a família é o principal *locus* de vivência do(a) trabalhador(a) envelhecido e na reprodução de papéis sociais, pois esta se configura como um produto histórico da sociedade burguesa. Na sociabilidade capitalista a pessoa idosa é vista como improdutiva, frágil e que por isso necessita de cuidados, porém em sociedades orientais essas pessoas são vistas como sábias, valorizando a experiência de vida e não pelo viés utilitarista. Assim, outro artigo da amostra, aponta que nas sociedades ocidentais, “os papéis sociais são determinadamente modificados, cada qual com sua representatividade temporal, conforme prevaleça essa ou aquela cultura” (SOUZA, VILIONE, SOARES, 2017, p. 243).

No entanto, o que se percebe é que, os papéis determinados giram em torno das necessidades da sociabilidade capitalista, portando na supremacia do mercado. Essa questão, por exemplo, tem se manifestado na intensificação de papéis para as velhices, em torno de possibilidades de lazer, estética, entre alternativas, que garantam o chamado, envelhecimento ativo, como já debatido anteriormente, tal pressuposto tem se tornado uma falácia e uma falsa valorização da pessoa idosa, tida como nicho de mercado.

## 2 – Entre o geracional e o intergeracional: em cena fragmentações e desigualdades nas velhices

Motta (2015), obra de apoio da pesquisa, indica que a categoria geração/idade, dentre outras como classe social, gêneros/sexo e etnias/raça, compõem uma dimensão básica da vida social, mas não dão conta de serem compreendidas quando analisadas isoladamente, pois são categorias que partem das relações e vivências entre os sujeitos, relacionando-se entre si, não sendo estáticas. Essas categorias podem ser remetidas à análise das relações de poder.

A categoria idade/geração, como as outras categorias sociais referidas, também se expressa no marco das relações sociais de poder. É grande sua complexidade analítica: além de referir-se a uma dimensão fundante de relações sociais, em articulação inextricável a outras categorias de semelhante magnitude, projeta-se, mais que aquelas, em uma outra dimensão (ou abrangência), a temporal, ao mesmo tempo “natural” e social, através da qual faz e refaz seus sentidos (MOTTA, 2015, p. 202).

A sociabilidade capitalista por meio das idades<sup>6</sup> dá ao ser-humano, tempo determinado para a sua participação na vida social, assim a categoria geração também possui condicionantes que a revestem de viés político dentro desse modo de produção, o que pode interferir na materialização e garantia de direitos. Nessa percepção, pode-se compreender a contradição que permeia tal processo, ou seja, ao passo que segrega-se pessoas por sexo, classe e idade, também lhes são atribuídos direitos e deveres dentro da sociedade, resultante das relações de força e poder, ora para a classe burguesa ora para a classe trabalhadora. Destaca-se:

Como geração, os indivíduos, inescapavelmente, se reconhecem, como projeção coletiva. A grande realização dos grupos geracionais está na identificação como construtores de cultura, ou de mudanças políticas em determinados momentos históricos (MOTTA, 2015, p. 206).

Para a referida socióloga, a classe social por si só não define as relações sociais como um todo, ainda que ela seja determinante estrutural da sociedade capitalista. Para além desta é necessário compreender sexo, raça e idade, essas categorias facilitariam compreender como o sujeito vive e se relaciona em sociedade. Nesse sentido, ser velho(a) em determinada sociedade implica funções e modo de vida que coadunem com o sistema produtivo, político e cultural imbricado de relações sociais de poder sobre o querer e fazer de determinada geração.

---

<sup>6</sup> O idadismo é entendido como “atitudes ou comportamentos negativos em relação a uma pessoa baseadas somente na sua idade” (GREENBERG, SCHIMEL, MARTENS, 2002 *apud* COELHO, 2013, p.2) o que também vai ao encontro das discussões sobre etarismo.

Dos 7 (sete) artigos selecionados, 4 (quatro) apresentaram discussões que remetem a discussão de questões geracionais. Com isso frisa-se que tais questões apresentaram-se em reflexões que tratam de categorias como: a) cuidado; b) diferenças geracionais, que levam a discussões e não aceitação de um sujeito de determinada geração para com a outra; c) acelerada mudança tecnológica com implicações nas relações entre as gerações; e d) também a relevância e centralidade de uma geração *versus* a anulação de outras faixas etárias. Enquanto compreensão do conceito intergeracional, apenas o artigo Silva *et al.* (2015, p. 2184) aponta que “as relações intergeracionais podem ser entendidas como vínculos que se estabelecem entre duas ou mais pessoas com idades distintas, possibilitando o cruzamento de experiências e contribuindo para a unidade dentro da multiplicidade”.

A publicação, de Brito e Cardoso (2014), artigo elaborado para compreender a relação entre avós(ôs) que cuidam dos(as) netos(as) – conforme mencionado anteriormente, porém retoma-se a discussão considerando que tal situação rebate diretamente nas relações geracionais –, afirma que os pais não conseguem dar conta de trabalhar e cuidar dos(as) filhos(as) ao mesmo tempo e que esse papel destina-se aos avós(ôs),

Na visão de Moragas (2004), a cooperação entre pais e avós geralmente é voluntária e benéfica, porém, enquanto é considerada vantajosa para os pais pela possibilidade de cumprirem seus compromissos profissionais, pode resultar em obrigação para os avós, que, com essas atividades, sentem um esgotamento físico e mental (BRITO; CARDOSO, 2014, p. 437).

Essa afirmativa apresenta duas questões, uma é a expropriação do capital quanto ao tempo de vida dos(as) trabalhadores(as) produtivos, assim, pais e mães, não conseguem dar conta dos cuidados com seus filhos (as) objetivando o cumprimento do papel aos avós(ôs). A relação que se estabelece é benéfica para os pais, mas a outra questão é que pode ainda ser nociva para as pessoas idosas que já estão em um processo de maior fragilidade biológica ou que simplesmente desejam nessa etapa da vida envolverem-se com outras atividades.

Há que se referir, que o artigo identifica a troca de afetos que existe entre avós(ôs) e netos(as), onde em certos momentos de dificuldade estes(as) auxiliavam os(as) mesmos(as). Em contraponto há pessoas idosas que discordam dessa relação, alegando que os(as) netos(as) não devem ser responsabilizados(as) pela sensação de bem-estar das avós. Em síntese, uma questão geracional que percebe-se enquanto transmissão de valores e troca de afetos, mas que também é permeada por dúvidas, incertezas e angústias.

Já no artigo de Silva *et al.* (2015) evidenciou-se que o processo de envelhecimento altera as relações familiares, tornando realidade a convivência entre mais de uma geração sob o mesmo teto, em que “atualmente, as famílias têm se tornando menores e com um número

maior de idosos em sua composição, sendo encontradas, muitas vezes, pessoas de diferentes gerações coabitando o mesmo domicílio<sup>4</sup> [...]” (SILVA *et al.*, 2015, p. 2184). As famílias estão diminuindo e a população idosa aumentando, e o efeito desta desproporção está na condição de que sozinhos os(as) familiares terão de cuidar das pessoas idosas, pois o entendimento legislativo no Brasil, coloca esta como primeira responsável. A obra de apoio de Teixeira (2017, p. 47) ressalta que:

O repasse das responsabilidades por um envelhecimento saudável, para o próprio indivíduo, para a família e sociedade é uma expressão de desresponsabilização estatal, pelo enfrentamento das mazelas sociais trazidas e reproduzidas no envelhecimento da população.

Desse modo, a família torna-se o centro do cuidado e apoio para com a pessoa idosa, sobretudo em vista da precariedade das políticas públicas. Deixadas à própria sorte, esta realidade, de diferentes gerações convivendo sob o mesmo teto, já se faz presente desde a década de 1990 conforme obra de apoio de Motta (2010). Artigo da amostra indica que distintas gerações habitando no mesmo espaço possuem resultantes, uma vez que:

[...] a coresidência do idoso em contexto intergeracional é necessária maior atenção sobre como as possíveis diferenças entre os membros podem vir a interferir na dinâmica das relações familiares. O envelhecimento pode ser considerado momento de crise no ciclo vital, uma vez que representa situações de mudanças no âmbito biopsicossocial, requerendo do idoso e daqueles que com ele convivem adaptações a esta etapa da vida<sup>5</sup> (SILVA *et al.*, 2015, p. 2184).

Torna-se importante referendar, que ambas as citações acima apresentadas, se relacionam no momento em que o Estado se desresponsabiliza pela proteção social da pessoa idosa, delegando esse encargo à família, que não sabe ou não possui condições para atender às demandas e necessidades da pessoa envelhecida. O artigo de Silva *et al.* (2015) alerta para o fato de que a convivência entre diferentes gerações, em se tratando da pessoa idosa, por estar no momento de maior vulnerabilidade física, exige adaptação dos(as) familiares e atrela às relações intergeracionais ao afeto como chave para a troca de experiências que pode emergir dessa relação, sem contudo indicar a necessidade de apoio de políticas sociais. Conclui-se, que as relações são contraditórias, construtoras de afetos e trocas entre as gerações, mas ao mesmo tempo também conflitam quanto à aceitação das diferenças e o cuidado mútuo entre as gerações, onde o Estado não é visto na maioria das situações como também responsável.

Outro artigo da amostra considera como as diferentes gerações lidam entre si com a acelerada mudança nos processos da sociedade, em vista disso estuda as relações intergeracionais, na qual salienta não haver sociedade em que a transmissão de cultura de uma geração para a outra, e as diferenças geracionais, não estejam presentes. Por isso, a publicação

afirma que tais diferenças e transmissões, são basilares para as relações intergeracionais, por isso propõe-se estudar de que modo o impacto das mudanças sociais afetam as relações intergeracionais (BORGES, MAGALHÃES, 2011).

Torna-se importante referendar que Borges e Magalhães (2011), expressam que as aceleradas mudanças que ocorrem na sociedade, causada pelos meios de comunicação e globalização afetam a maneira como se dão as relações intergeracionais. O universo cultural possibilita diferentes experiências geracionais. Valendo-se de vários autores(as), compreendem que a realidade é socialmente construída e que há troca entre sujeito e a sociedade que incessantemente busca moldar relações. Assim, indica que as referências que as pessoas de diferentes gerações possuem, podem estar conectadas a realidades bastante diversas em consequência das rápidas mudanças que ocorrem na sociedade. Com isso, pessoas idosas, filhos (as) e netos(as), que convivem sob o mesmo domicílio possuem características diferentes, sendo determinados como tradicionais, liberais e tecnológicos, respectivamente, pelo texto.

Como conclusão, o artigo de amostra expõe que a relação intergeracional na sociedade contemporânea interpõe um universo de situações. As relações e mudanças abruptas socioculturais, acentuam as diferenças e ao mesmo tempo invertem o processo de socialização e transmissão de saberes. As diferenças geracionais são cada vez maiores e a juventude é tomada como modelo padrão. As disparidades não se tornam tão nítidas à primeira vista, já que as outras gerações devem padronizar-se àquela que possui maior valorização social, e assim a inversão da qual o texto se refere, são os mais velhos(as) utilizando como referência os mais jovens e não o contrário.

As relações estabelecidas entre as gerações, apontada no artigo de Borges e Magalhães (2011), indica como determinante as mudanças cada vez mais rápidas, ocorrentes na sociabilidade capitalista, sendo que estas impactam de diferentes formas no cotidiano da pessoa idosa, além de pontuar também que a juventude transfigurou-se como valor social para todas as idades. Com isso, as implicações que se mostram no artigo expõem a (in)visibilidade e a negação de outras gerações que não estão alinhadas com a jovialidade.

Em contraponto a isso, cada vez mais torna-se frequente o papel dos(as) idosos(as) enquanto provedores. Cabral (1998, p.61) outra obra de apoio, aponta em seus estudos o lugar social da família da pessoa idosa, em que as pessoas mais velhas tornam-se o sustento para seus descendentes ao indicar que “a análise da chefia do domicílio, por sexo, se verifica o alto percentual de mulheres idosas ocupando a posição de chefes”.

O artigo de Goldani (2010), teve como central em sua temática o “preconceito etário”. No Brasil, conforme o texto, tal postura ocorre em diversos âmbitos, os principais são na família, sistema de saúde e mercado de trabalho. Ressalta que quando usada para legitimar crenças que negam o acesso a recursos, o preconceito por idade torna-se aviltante, uma vez que [...] o novo sistema de ensino e aprendizagem entre gerações afeta não apenas o processo interpessoal de trocas entre as gerações, conhecido como “contrato intergeracional implícito”, como também as políticas públicas e os contratos de gênero (GOLDANI, 2010, p. 415).

Retoma-se no artigo de Goldani (2010), que indica o fato do preconceito etário depender da estereotipagem se manifestando em 3 (três) âmbitos: social, mercado de trabalho e na saúde, como já elucidado. O preconceito social voltado à pessoa idosa se dá através da valorização da juventude. A troca em locais de trabalho, dos(as) trabalhadores(as) envelhecidos por pessoas mais novas, dá-se como discriminação em locais de trabalho. Conforme o texto tal discriminação por idade, pode impedir, com o passar do tempo, que o(a) trabalhador(a) envelhecido se sinta encorajado em procurar emprego, baseada nas experiências destes sujeitos, tal discriminação possui uma conotação que os impede de conseguir emprego.

Goldani (2010, p. 423) reforça em momentos do texto o fato de médicos(as) desconsiderarem queixas apresentadas pela pessoa idosa, já que justificam ser elas, questão da idade, assim, “não investigam mais profundamente suas causas, tal como fariam com pacientes mais jovens [...] o que pode resultar em morte”. O mesmo artigo, ainda aponta, alguns estudos em relação à questão intergeracional como fonte de solidariedade e troca entre as pessoas mais jovens e mais velhas.

As relações entre idosos e jovens também não deveriam ser consideradas meramente em termos econômicos ou de trocas de ajuda, mas em termos de seus laços afetivos e emocionais. De fato, o aumento da longevidade tem permitido descrever as trocas entre as gerações como parte de uma nova forma de família estendida, baseada na “intimidade à distância” (GOLDANI, 2010, p. 427).

Em suma, a questão geracional se apresenta no artigo de amostra de Goldani (2010) como discriminação por idade, e quem a sofre com mais afinco são as pessoas idosas. Como forma de corroborar a discussão a respeito deste preconceito, apresentou exemplos de âmbitos em que tal se perpetua e como esse tipo de preconceito implica em rebatimentos até mesmo na elaboração de políticas públicas.

Muitas vezes quando fala-se de sujeitos velhos (as), pensa-se que é uma pessoa com determinada idade, porém no artigo de Brito e Cardoso (2014), faz pensar em como as diferentes gerações relacionam-se, trazendo em seus estudos exemplos de conflitos

geracionais, dentre eles a relação entre meninas que engravidam na adolescência e a dualidade de papéis “mãe-avó” que a mulher transfere para si. Assim, novamente retoma-se o fato do cuidado para com o netos(as) minar a socialização das pessoas idosas - geralmente as avós -, tanto que “em alguns momentos, as participantes reclamavam da falta de tempo para realizar atividades pessoais ou mesmo da dificuldade em lidar com os cuidados dos netos [...] (CARDOSO; BRITO, 2014, p. 437). As motivações para abdicar de cuidados consigo mesmos pode variar, onde destaca-se que

[...] talvez, uma das respostas à pergunta seja: cuidar dos netos pode significar uma forma de se sentirem úteis ou de preencher o vazio que sentem. Isso se confirma no caso de uma senhora, que narrou sobre sua solidão, concluindo que gostaria mesmo é de ter um namorado, ao invés de preencher seu tempo com a tarefa de cuidar dos netos (CARDOSO; BRITO, 2014, p. 438).

Ainda aparece nos textos analisados que a pessoa idosa, possui sentimento de reparação, ou culpa, desejando fazer pelos netos(as) aquilo que não puderam fazer pelos(as) filhos(as). Nesse sentido, corre-se o risco de fragmentação das discussões geracionais, pois parece que de forma geral ela ocorre quando uma sociedade vê a pessoa como cuidador(a) de neto(as) sem olhar para todo o contexto dessa fase de vida, resumindo tal tipo de cuidado como sendo própria a natureza da pessoa idosa, sem olhar o contexto total que envolve o processo de envelhecimento.

O artigo de Silva *et al.* (2015) como já explanado, também, foi elaborado com a finalidade de analisar as relações entre as gerações que habitam a mesma casa, e no resultado foram obtidas 4 categorias de discussão que resumidamente são: a) relações familiares intergeracionais harmônicas e conflituosas; b) relações familiares permeadas pelo cuidado intergeracional com o idoso; e c) cuidado do idoso para com seus netos. Ainda que esteja-se verificando a existência, ou não, de fragmentações no debate geracional, este estudo apresentou pontos bastante positivos, relacionados à categoria das relações familiares harmônicas, tais como afeto. Nesse sentido aponta também para a questão do respeito à sabedoria da pessoa idosa, o que não se manifesta na totalidade das relações, relatando que em alguns momentos a pessoa idosa é consultada em busca de aconselhamento. Ao adentrar na categoria sobre os pontos negativos da relação entre as gerações, ou seja, nas relações conflituosas entre as gerações, a diferença de valores sociais e culturais é exposta como origem para o desentendimento.

Na literatura analisada então, o debate geracional, suas fragmentações e a socialização da pessoa idosa está baseada na convivência entre diferentes gerações sob o mesmo teto, em que é possível a solidariedade e a troca de afetos, isso se reverte em estímulo à produção de

saúde para a pessoa idosa já que “revestem-se de importância crucial [...] dado que o sentimento de serem amados e valorizados, a pertença ao grupo familiar leva os idosos a escaparem do isolamento” (SILVA *et al.*, 2015, p. 2187). A família, torna-se amostra da sociabilidade em que vive-se, já que ela também é fundada na sociabilidade burguesa, isto significa que todas as mazelas que as gerações carregam e descarregam entre si, são produtos desta sociabilidade.

As consequências que se estabelecem a partir dessa socialização com base na diferença geracional, como já vistas acima, são de perdas ou ganhos para as pessoas velhas. Silva *et al.* (2015, p. 2187) corrobora e transmuta essa relação do âmbito familiar para o coletivo “[...] o que faz com que os idosos sejam rotulados de “ultrapassados”, ao olhar dos seus filhos e netos, reflexo da imagem negativa do idoso presente na sociedade, impregnada de estereótipos que estão interiorizados na memória coletiva”.

Não se pretende culpabilizar a família pelas dificuldades sofridas pela pessoa idosa, já que entende-se neste artigo produzido, que a família também é produto da sociabilidade capitalista, logo possui maneiras de se relacionar que antes já existem nas relações sociais e memória coletiva. Outro achado que exemplifica a relação desigual, extrapola o âmbito familiar e ratifica o reflexo da imagem negativa que Silva *et al.* (2015) expõe, é evidenciado por Goldani (2010, p. 423)

A discriminação na saúde mostra que, quando se trata dos cuidados médicos apropriados à sua idade, os brasileiros mais velhos tornam-se o seu próprio e pior inimigo. Tal como acontece em outros contextos, os médicos desconsideram certas dores de pessoas mais velhas como parte inevitável do processo de envelhecimento.

O artigo de Paula (2016), utilizado também para a análise desta pesquisa mostrou a relação entre a sociabilidade capitalista e as questões geracionais em seu último e trágico estágio, o suicídio de pessoas idosas. O trecho destacado acima afirma e faz-nos entender como os desdobramentos condicionam e resultam na morte da pessoa idosa conforme já pontuado anteriormente, seja através do suicídio ou das negligências que se somam ao decorrer dos últimos anos de vida.

A máxima dessa negação está transposta na recente indicação de Classificação Internacional de Doenças - CID, para o termo “velhice”, o mesmo passa a ser usado como atributo de doença, ferindo o Estatuto do Idoso (2003), fruto da luta de movimentos sociais e sociedade civil. Tal classificação não leva em conta a multiplicidade econômica e social que atravessa a vivência do trabalhador(a) durante a sua vida e tampouco compreende o envelhecimento como característica biológica e social do ser-humano.

A busca pela compreensão da possível (in) visibilidade da pessoa idosa, levou ao entendimento desta enquanto sendo transversal e resultante das relações sociais. O estudo de Goldani (2010) utiliza a categoria “preconceito etário” para ratificar o entendimento de que a idade também é fonte de conflito e exclusão de determinados grupos, e este não está restrito ao âmbito familiar, a (in)visibilidade se apresenta na forma de atendimento desqualificado, onde ser doente na velhice é normal e que resulta em descaso,

[...] Um dos resultados mais nítidos da tendenciosidade na saúde brasileira foi o aumento de casos de pacientes HIV positivo entre os mais velhos, pois os programas de combate à AIDS são essencialmente destinados a pessoas jovens ou de meia-idade e ignoram os idosos, partindo do princípio de que não são sexualmente ativos (VALENTE, 2008, apud, GOLDANI, 2010, p. 414).

A centralidade que o trabalho toma durante a vida dos(as) trabalhadores(as) é tamanha que parar significa envelhecer, isso coloca-lhes em posição de contrariedade ao envelhecimento. Haddad (2016, p. 101), em obra de apoio, argumenta que “os homens sentem o vazio instalado com a aposentadoria, é porque no processo de reificação a que estão submetidos, o “prestígio” ocupado pelo trabalho foi por eles internalizados através do longo processo de educação para a vida produtiva [...]”.

Muito além da percepção do sujeito, em relação ao contexto social que vive, estão se operando relações para além do seu controle, a exemplo da negação e rejeição das velhices ou na atribuição de papéis nem sempre desejados, “isso se confirma no caso de uma senhora, que narrou sobre sua solidão, concluindo que gostaria mesmo é de ter um namorado, ao invés de preencher seu tempo com a tarefa de cuidar dos netos” (CARDOSO, BRITO, 2014, p. 438). É nítida a contradição que se põe na vida da pessoa idosa, pois cuidar dos netos transforma-o em útil ao mesmo tempo em que preenche a sua sensação de vazio pessoal, ao passo que a sua necessidade e vontade, sem sempre é de desenvolver esse papel. Esses cenários contraditórios podem estimular a (in)visibilidade de necessidades, desigualdade e exclusão, podendo estimular o sentimento de inutilidade, desamparo e descaso que provoca o desânimo para viver. Paula (2016, p. 272) já sinaliza em seu estudo a manifestação da falta de sentido e desvalorização da vida.

Não só os idosos do nosso tempo não estão mais sábios, nem fazem da busca da sabedoria algo que pelo menos torne a vida melhor, mas muitos deles até preferem não mais viver. Como a violência, os conflitos sociais, a repressão policial etc., também os suicídios parecem indicar que há algo de podre no reino neoliberal das mercadorias.

A questão do envelhecimento para a classe trabalhadora perpassa pela condição de moradia, educação, alimentação, lazer, escolaridade, entre outros processos que se somam ao

longo da sua vida, estas são condições que dão objetividade para as lutas e garantia de direitos, que vão, na perspectiva de romper com a sociabilidade excludente, na contramão do discurso da valorização da terceira idade, conceito que ameniza os agravos do trabalhador envelhecido e descaracteriza as diferentes formas de envelhecer, dado que Souza *et al.* (2017, p.248) reconhece o uso deste termo como forma de “construir um mercado consumidor e mascarando as desigualdades que perpassam essa fase da vida”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O envelhecimento tem sido visto como uma problemática para a ordem do capital, pois, o(a) trabalhador(a), além de não possuir mais o “valor-de-uso”, pode ser visto como oneroso a despesa pública, uma vez que o envelhecimento era restrito ao ambiente privado, tendo a família e as instituições assistenciais como reduto de responsabilidade. Embora o estudo tenha mostrado, que ainda cabe a família os cuidados para com seus idosos(as) – em consequência da precariedade das políticas sociais – é fato que estes demandam ao Estado políticas públicas de atendimento, considerando principalmente, necessidades previdenciárias, de saúde e assistência social. Nesse sentido, considerando tais necessidades, passam a ser vistos como demanda de atendimento emergente considerando o aumento, principalmente, da expectativa de vida.

Os objetivos sinalizados no início do estudo deram luz para o caminho a ser percorrido e sobre quais informações deveriam ser extraídas dos estudos, somado a metodologia utilizada que buscou compreender o sujeito como parte do todo e não alheio a ele. Mesmo quando os artigos da amostra persistiam em apresentar questões que responsabilizavam unicamente o sujeito, foi possível fazer a leitura da realidade compreendendo a sociabilidade do(a) trabalhador(a) idoso(a) envolto em relações sociais que os precederam e que influem sobre as desigualdades geracionais perpetuadas no sistema capitalista.

Conforme as referências utilizadas nesse estudo, a categoria geracional também faz parte das relações sociais e pode ser utilizada de forma a somar nas discussões em torno do sujeito velho no momento em que entende que persiste um “ideal de juventude” onde todas as outras gerações devem alcançar esse modelo padrão. As crianças são adultizadas e os(as) velhos(as) excluídos, se não fizer uso de medicamentos, procedimentos ou produtos que retardem o processo de envelhecimento. Cabe ressaltar que os artigos apontam em variados momentos o quanto a sociabilidade capitalista estimula o culto a juventude, portanto a que se considerar essa perspectiva enquanto construção social.

O papel de cuidador implica em fragmentação de olhares, no momento em que, principalmente as avós não conseguem ter tempo para si mesmo, suprimindo suas necessidades humanas e sociais, deixando de socializar e ainda possuindo dificuldades em se relacionar com os(as) netos(as). Estes são embates que, embora na maioria das vezes não visíveis, levam a questão geracional a uma conotação negativa e denunciam a desresponsabilização estatal que compele à família o cuidado com o então, agora, trabalhador(a) velho(a) que precisa preencher seu tempo e ser amparado/a pela família.

As velhices, ao longo do estudo, são vistas como ameaça na qual não se quer chegar e para as outras gerações tende a ser evitada, ao passo que em último estágio a morte é a materialização das desigualdades geracionais. Com isso abre-se o questionamento: Se essa é a melhor idade, porque o desejo de morte? Ademais denuncia também a fragilidade das populações mais pobres, já que por meio da aposentadoria das pessoas idosas, tornam-se provedores e chefes de família.

Retomando os objetivos da pesquisa realizada conclui-se que: sobre a potencialização da (in)visibilidade da pessoa idosa na sociabilidade capitalista, o incisivo destaque ao papel de cuidador(a) dos(as) netos(as), uma vez que estando na esfera da reprodução não possui valor-de-uso para o capital, além dessa relação ser uma potencial fonte de violência dos mais novos para com os mais velhos. Porém essa não é a realidade de todas as pessoas velhas, haja vista que são inúmeras as realidades estudadas e apresentadas nos textos de amostra.

O estereótipo de fragilidade que o corpo da pessoa velha denota dentro da memória coletiva, como elucidado no desenvolvimento deste artigo, leva a considerar que esse segmento, não é capaz de manter relações sociais, portanto sistematicamente essas pessoas passam ser excluídas da vida social, também há que se levar em conta que a maioria das relações sociais são mediadas pelas relações de trabalho, dos 7 dias semanais, 5 e ½ são trabalhando, ou seja, quando a pessoa idosa deixa de trabalhar, ela perde boa parte das suas relações, além de potencialmente estar física e mentalmente debilitada. Quanto à visibilidade, esta aparece somente em casos de consumo de produtos que negam o envelhecimento, sendo o público velho visto somente como potenciais consumidores, mas excluídos do convívio social.

Quanto à socialização das pessoas idosas no modo de produção capitalista, corrobora à potencialização de (in)visibilidade, àquele que se torna visível somente para o consumo e excluído do convívio social. Mas são múltiplos os papéis determinados, como o estereótipo de pessoa frágil, que necessita de cuidados e que ao mesmo tempo torna-se o provedor e, como sinalizado nos artigos estudados, torna-se o(a) cuidador(a) dos mais novos de sua família.

Extrapolando o âmbito familiar, essas são diferenças que se espraiam para a impossibilidade do convívio em sociedade, dada através da exclusão de funcionários(as) mais velhos(as) em substituição à mão-de-obra mais nova e barata, isso reflete no afastamento do(a) trabalhador(a) envelhecido das relações sociais, ao mesmo tempo em que a precariedade das políticas públicas determina à família o cuidado com a pessoa idosa, que volta ao já elucidado no início deste parágrafo, sobre os fatores condicionantes de uma postura de provedor da família.

Quanto às implicações desiguais que são estabelecidas, em torno das relações geracionais nota-se algumas como: conduta de negligência médica; dificuldade em se inserir no mercado de trabalho; estereótipo negativo das velhices e valorização social da juventude enquanto modo de vida. Estes são rebatimentos imediatos na forma com a qual as pessoas idosas se relacionam física e socialmente, em que perdem a possibilidade de frequentar ambientes e desfrutar momentos de lazer, espaços políticos e artísticos. Nesse contexto as relações e sociabilidade passam a ser coisificadas em um jogo de descarte daqueles(as) que não servem mais ao capital.

As questões postas neste estudo trouxeram aspectos que acompanham a idealização de um discurso que entra em embate com a realidade das diferentes velhices. O objetivo geral desta pesquisa era fazer uma análise da categoria geracional enquanto potencializadora da (in) visibilidade da pessoa idosa, o que se apresentou durante o estudo dos textos recolhidos como amostra foi a ínfima discussão sobre a categoria “geração”, apenas 3 artigos trouxeram em suas palavras chaves o descritor “intergeracional” ou “geração”, isso implica em dificuldades quanto ao estudo sob perspectiva crítica, além de ser ainda mais inacessível encontrar autores(as) que apresentem essa discussão como literatura de apoio.

Por fim, a dualidade entre o visível e invisível da pessoa idosa sob a ótica do capital, foi transversal a toda a pesquisa, uma vez que como potencial consumidor as pessoas idosas têm suas necessidades atendidas, mas quanto às suas práticas sociais são excluídos e descartadas, vistos como incômodo ao passo que em alguns casos, como mencionado em alguns artigos de amostra e textos de apoio, são basilares para o sustento da família.

Porém quando busca-se entender as desigualdades geracionais atrelada à sociabilidade capitalista não se tem discussão clara e presente nos artigos analisados. Exceto uma que traça como a exclusão e desproteção causam danos na vida do trabalhador(a) envelhecido(a), e que decorrem de uma sociabilidade que maximiza os lucros e a produção. Tal produção teórica não utiliza a categoria geracional em sua forma explícita, mas entende que a idade é fator relevante para o desfecho da vivência desses sujeitos, uma vez que entender as relações que se

dão a partir da idade, sexo, raça e classe, são pontuais para interpretar as consequências na vida da pessoa idosa.

Fica apreendido como uma potencial observação dessas considerações finais que, a discussão torna-se pública quando atrelada à capitalização e maximização de lucros, no momento em que uma geração é excluída da socialização se não estiver de acordo com aquela que tem maior valor social ou quando necessária para elaboração de políticas públicas, mas em sua maioria é tratada privadamente, uma vez que a família é responsabilizada pelo cuidado, esse entendimento fragmenta a discussão das velhices, já que ela se compõe do todo, indo do sujeito às suas vivências plurais.

Nesse sentido, conclui-se que as reflexões em torno da categoria geração, bem como as desigualdades no entorno dela, como por exemplo, nos preconceitos contra a pessoa idosa devem ser pensadas com o intuito de fortalecer e dar visibilidade para a necessidade de mobilização, construção e efetivação dos direitos da pessoa idosa, já que não há como escapar da discussão de melhorias se não entendermos, com qual grupo geracional se está trabalhando e quais os sentidos de suas vivências, com estudos que possam dar visibilidade às desigualdades que esse segmento etário vivencia. Estudos tornam-se importantes para qualificação de intervenções profissionais das mais diferentes ordens, desde que tenham como perspectiva o reconhecimento sobre de que modo o impacto das mudanças sociais afetam as relações intergeracionais, pois a pesquisa mostrou que as mudanças que ocorrem na sociedade, causada pelos meios de comunicação, globalização, relações de poder afetam a maneira como se dão as relações intergeracionais.

Ainda, cabe aos profissionais perceberem a necessidade de análise dos marcadores sociais como classe, gênero, etnia, geração, que influem e são demarcados por diferentes formas de vivenciar as velhices na sociabilidade capitalista que acirra expressões da questão social, a ponto de pessoas idosas poderem ser menosprezadas em sua condição de dignidade humana.

### **Referências Bibliográficas**

ALVES, José Eustáquio Diniz. **O envelhecimento populacional compromete o crescimento econômico no Brasil?** Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz. 2020. Disponível em: <<https://cee.fiocruz.br/?q=envelhecimento-populacional-compromete-o-crescimento-economico>>. Acesso em: 05 de set. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 1979.

BEAUVOIR, S. de. **A velhice**. Tradução: Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENEDITO, Jonorete de Carvalho. **Melhor Idade para quem? As novas formas de designação da velhice.** In. TEIXEIRA, Solange Maria. Envelhecimento na sociabilidade do Capital. Campinas: Papel Social, 2017.

BORGES, Carolina de Campos; MAGALHÃES, Andrea Seixas. **Laços intergeracionais no contexto contemporâneo.** Estudos de Psicologia, maio-agosto, 2011. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2011000200008&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2011000200008&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em 24 fev. 2021.

BRASIL. **Código de ética do/a assistente social. Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão.** 10ª. ed. Brasília: Conselho Federal de Serviço Social, 2012. Disponível em: <[http://www.cfess.org.br/arquivos/CEP\\_CFESS-SITE.pdf](http://www.cfess.org.br/arquivos/CEP_CFESS-SITE.pdf)>. Acesso em: 7 dez. 2020.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Em 2019, expectativa de vida era de 76,6 anos.** 2020. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29502-em-2019-expectativa-de-vida-era-de-76-6-anos>>. Acesso em: 05 set. 2021.

CARDOSO, Andreia Ribeiro; BRITO, Leila Maria Torraca de. **Ser avó na família contemporânea: que jeito é esse?** Psico-USF, Bragança Paulista, v. 19, n. 3, p. 433-441, set./dez. 2014. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-82712014000300007&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-82712014000300007&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 24 fev. 2021.

CARDOSO, Eliana; DIETRICH, Thais Peres; SOUZA, André Portela. **Envelhecimento da população e desigualdade.** Revista de Economia Política, vol. 41, no 1, pp. 23-43, janeiro-março. 2021. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31572021000100023&lng=en&nrm=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572021000100023&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 24 fev. 2021.

CHAVESA, Helena Lúcia Augusto; ARCOVERDEA, Ana Cristina Brito. **Desigualdades e privação de direitos na sociabilidade capitalista e suas expressões no Brasil.** Serviço Social e Sociedade, São Paulo, n. 141, p. 164-182, maio/ago. 2021

COELHO, Cristina. **Idades apartadas: pensar o idadismo e a intergeracionalidade.** In: Animação Sociocultural, Gerontologia e Geriatria, A Intervenção Social, Cultural e Educativa na Terceira Idade. Intervenção - Associação para a promoção e divulgação cultural: Chaves. 2013.

DEBERT, Guíta Grin. **A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas.** 1996. Disponível em: <[http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/34/rbcs34\\_03.pdf](http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/34/rbcs34_03.pdf)>. Acesso em: 05 set. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDANI, Ana Maria. **Desafios do “Preconceito etário” no Brasil.** Educação e Sociedade, Campinas, v. 31, n. 111, p. 411-434, abr.-jun. 2010 Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302010000200007#:~:text=Como%20o%20racismo%2C%20o%20preconceito,sa%C3%BAde%20\(Butler%2C%201980\)](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302010000200007#:~:text=Como%20o%20racismo%2C%20o%20preconceito,sa%C3%BAde%20(Butler%2C%201980))>. Acesso em: 24 fev. 2021.

GRANEMANN, Sara. **O processo de produção e reprodução social: trabalho e sociabilidade .** in: Serviço Social: Direitos Sociais e Competências Profissionais. 2009. Disponível em: <file:///D:/Downloads/LIVRO%20COMPLETO%20-%20%20CFESS%20-

%20Serviço%20Social%20-  
Direitos%20Sociais%20e%20Competencias%20Profissionais%20%20-2009.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2021.

HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. **A ideologia da velhice**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2016.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Relações sociais e serviço social no Brasil**: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. 19ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Serviço Social em tempo de capital fetiche**: capital financeiro, trabalho e questão social. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. 28. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LARA, Ricardo. **Saúde do trabalhador: considerações a partir da crítica da economia política**. Revista *Katálysis*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 78-85, jan./jun. 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rk/a/Czdx3sGRxBwP3QjS3Dvhnp/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 19 ago. 2021.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: livro I**. 35ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOTTA, Alda Britto da. **As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 13, p. 191–221, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635327>>. Acesso em: 7 dez. 2020.

MOTTA, Alda Britto da. **A atualidade do conceito de de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento**. Revista *Sociedade e Estado*, v. 25 Número 2, 225- 249, Maio / Agosto, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/se/v25n2/05.pdf>> . Acesso em: 16 dez 2020.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia Política: Uma introdução Crítica**. São Paulo: Cortez, 2007.

OLIVEIRA, Cláudio. **Economia marxista e economia freudiana ou política e pulsão**. Crítica Marxista. São Paulo, v. 27, p. 47-63. 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **RECOMENDAÇÃO Nº 020, DE 09 DE AGOSTO DE 2021**. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1956-recomendacao-n-020-de-09-de-agosto-de-2021>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

PAULA, Marcos Ferreira de. **Os idosos do nosso tempo e a impossibilidade da sabedoria no capitalismo atual**. Serviço Social e Sociedade, São Paulo, n. 126, p. 262-280, maio/ago. 2016 Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-66282016000200262&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-66282016000200262&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 24 fev. 2021.

PONTES, Reinaldo. **Mediação: categoria fundamental para o trabalho do assistente social para o trabalho do assistente social**. In: Capacitação em Serviço Social e Política Social. Brasília: CFESS/ABEPSS/UNB, 2004.

REBOUÇAS, Monica; MATOS Marina Ruiz de; RAMOS Luiz Roberto; CECÍLIO, Luiz Carlos de Oliveira. **O que há de novo em ser velho**. Saúde e Sociedade, São Paulo, v.22, n.4, p.1226-1235, 2013. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902013000400023&script=sci\\_abstract&tlng=pt#:~:text=Saude%20soc.&text=%C3%89%20bem%20conhecida%20a%20rela%C3%A7%C3%A3o,utiliza%C3%A7%C3%A3o%20dos%20servi%C3%A7os%20de%20sa%C3%BAde](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902013000400023&script=sci_abstract&tlng=pt#:~:text=Saude%20soc.&text=%C3%89%20bem%20conhecida%20a%20rela%C3%A7%C3%A3o,utiliza%C3%A7%C3%A3o%20dos%20servi%C3%A7os%20de%20sa%C3%BAde)>. Acesso em: 24 fev. 2021.

SILVA, Doane Martins da; VILELA, Alba Benemérita Alves; NERY, Adriana Alves; DUARTE, Ana Cristina Santos; ALVES, Marta dos Reis; MEIRA, Saulo Sacramento. **Dinâmica das relações familiares intergeracionais na ótica de idosos residentes no Município de Jequié (Bahia), Brasil**. Ciência e Saúde Coletiva, 2015. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232015000702183&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232015000702183&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 24 fev. 2021.

SOUZA, Lucélia Cardoso; VILIONE, Gabriela Cristina Carneiro; SOARES, Nanci. **Autoridade, Família e Indústria Cultural: a Construção Social da Velhice**. In. TEIXEIRA, Solange Maria. Envelhecimento na sociabilidade do Capital. Campinas: Papel Social, 2017.

TEIXEIRA, Solange Maria. **Envelhecimento e Trabalho no tempo do capital – implicações para a proteção social no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2008.

TEIXEIRA, Solange Maria. **O Envelhecimento e as Reformas no Sistema de Seguridade Social no Brasil Contemporâneo**. 2018.

TEIXEIRA, Solange Maria (Org). **Envelhecimento na Sociabilidade do Capital**. Campinas: Papel Social. 2017.

TEIXEIRA, Solange Maria. **O Envelhecimento e as Reformas no Sistema de Seguridade Social no Brasil Contemporâneo**. Textos & Contextos (Porto Alegre), v. 17, n. 1, p. 126 - 137, jan./jul. 2018.